



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

LUCIANE SAMIAS FORTE

UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE QUESTÃO DA LÍNGUA KOKAMA NA
COMUNIDADE SAPOTAL ALTO SOLIMÕES - AM: ETNOGRAFIA E NARRATIVA

Manaus - AM

2024

LUCIANE SAMIAS FORTE

UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE QUESTÃO DA LÍNGUA KOKAMA NA
COMUNIDADE SAPOTAL ALTO SOLIMÕES - AM: ETNOGRAFIA E NARRATIVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal
do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do
Título de Mestre em Antropologia Social.

.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira da Silva

Manaus- AM

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F737u Forte, Luciane Samias
Um olhar antropológico sobre questão da língua kokama na comunidade Sapotal alto Solimões - AM: etnografia e narrativa / Luciane Samias Forte . 2024
41 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Raimundo Nonato Pereira da Silva
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Trajetória. 2. língua. 3. cultura. 4. memória. 5. escola. I. Silva, Raimundo Nonato Pereira da. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Dedico à

Comunidade Kokama Sapotal por ter me acolhido para desenvolver minha pesquisa, e aos meus interlocutores.

Aos meus pais, Vito Francisco e Maria Ozete, que são meus melhores orientadores da minha vida.

Aos meus irmãos, que sempre tiveram ao meu lado deste o início desta trajetória.

E, finalmente, dedico em especial para uma pessoa, em nome de Gerson Nascimento, um parceiro que esteve sempre ao meu lado pela alegria partilhada e apoio.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado força para seguir em frente, o que agradeço todos os dias. Agradeço e dedico este trabalho às pessoas de minha vida: à minha mãe Maria Ozete Samias Forte (pertencente ao povo Kokama) e ao meu pai Vitor Francisco Parente Forte, (pertencente ao povo Tikuna) a quem devo infinitos agradecimentos. Agradeço o apoio incondicional. Obrigada pelo incentivo, pelas cobranças que hoje fazem toda diferença.

Agradeço ao meu companheiro Gerson Nascimento que, no decorrer do curso, foi essencial, ao passo que contribui me apoiando financeiramente em momentos de dificuldade. E isto, pois, é relevante: não há como satisfazer desejo, conseqüentemente, emocional, pelo fato de ter uma ajuda financeira e a paciência que teve comigo.

Agradeço ao meu orientador, Profº Dr. Raimundo Nonato Pereira da Silva, por aceitar me orientar e acreditar na possibilidade deste trabalho, contribuindo com o seu conhecimento e a sua experiência.

Agradeço aos meus irmãos Gilberto Parente, Renato Samias, Jaksony Samias, Marilene Samias, Gracilene Samias, Missilene Samias, Franciane Samias, pelos incentivos dados aos meus estudos nos momentos de desânimo.

Aos meus avós maternos (in memoriam) Angelica Curintima e André Samias, ainda, lembro com carinho e saudade dos seus cuidados na minha infância.

Aos meus avós paternos (in memoriam) Alexandrina e Macario, de terem partidos cedo demais. Lembro-me de quando era criança, pude ver e presenciar vocês.

Aos meus Amigos, Ney Gomes, Jesus Eduardo, Josiney dos Santos, que permaneceram ao meu lado nos momentos de tristeza e alegrias, aos quais agradeço pela amizade.

Agradeço aos meus parentes indígenas Kokama, Lúcia Maria, Washington Gerônimo, Ângelo Pissango, Francisco Salas, Hélio Gama, Maria Aguilar, Luiz Cordeiro, Jair Guerra, Carlos Magno, João Castilho e Eládio Rodrigues, que contribuíram com esta pesquisa da melhor forma possível.

À família Samias pela origem Kokama e por fazerem parte dessa luta. Especialmente (in memoriam) de Francisco Samias, Antônio Samias e André Samias foram lideranças firmes e atuante no movimento Kokama do Alto Solimões.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas PPGAS/UFAM lugar de meus estudos.

Finalmente, agradeço pelo apoio financeiro à Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM), pela concessão da bolsa de mestrado no período de março de 2020 a fevereiro de 2022.

RESUMO

Este trabalho tem um olhar antropológico por meio do qual se busca descrever e analisar as especificidades de uma língua Kokama dita como perdida ou desaparecida, mas que, na intimidade dos anciões, era e é utilizada fluentemente. Pretende-se contextualizar os aspectos políticos que levaram os Kokamas da comunidade Sapotal a construir alianças e a definir o lugar da língua nas escolas. Somos sabedores que o campo linguístico é formado por diversas linhas e sabemos também que há um campo geracional que detêm elementos significativos da língua Kokama. Nesse sentido, enfatizamos o usufruto de espaços políticos construídos institucionalmente que promoveram alianças, bem como possibilitaram a consolidação e a ampliação dos direitos dos povos indígenas, dentre eles a educação diferenciada.

Palavras-chave: Trajetória; Língua; Cultura; Memória; Escola.

RESUMEN

El presente Trabajo tiene una mirada antropológica, con lo cual sí buscar describir y analizar las especificidades de una lengua kokama que se disse perdida o desaparecida, pero que, en la intimidad de los ancestros, fue y es usado con fluidez. Pretende contextualizar los aspectos políticos que llevaron a los kokama de la comunidad Sapotal a construir alianzas y definir el lugar de la lengua en las escuelas. Somos conocedores de que el campo lingüístico se compone de diferentes líneas e También sabemos que hay un campo generacional que sostener elementos significativos de la lengua Kokama. En este sentido, enfatizamos el disfrute de espacios políticos institucionalmente contruídos y promovidos alianzas, que permitieron la consolidación y ampliación de los derechos de los pueblos indígenas, incluía la educación diferenciada.

Palabras–llave: Trayectoria; Lengua; Cultura; Memoria; Escuela.

LISTAS DE SIGLAS

COIAMA - Coordenação de Apoio aos Índios Kokama

COPIAM - Conselho dos Professores Indígenas da Amazônia

CIMI - Conselho Missionário Indigenista

OGCCIPK - Organização Geral dos Caciques das Comunidades Indígenas do Povo Kokama

OGPTB - Organização Geral de Professores Ticuna Bilíngues

PNCSA - Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

RANI - Registro de Nascimento Indígena

SEDUC - Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

PMM – Prefeitura Municipal de Manaus

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UEA - Universidade do Estado do Amazonas

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Área demarcada da comunidade Sapotal.....	23
Imagem 2 – Estrutura da Escola Municipal Marechal Rondon em ano de 2018.....	25
Imagem 3 - Escola Municipal Marechal Rondon de ano 2022.....	29
Imagem 4 - Professor Hélio com os alunos e moradores, apresentando o grafismo e a vestimenta Kokama.....	33
Imagem 5 - Cartilha Didático PRÉ II.....	35
Imagem 6 - Manifesto de revitalização da cultura Kokama.....	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11-15
1 CAPÍTULO I – TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS DOS KOKAMA NO CONTEXTO DA HISTÓRIA.....	16-21
1.1 Kokama nas fronteiras do Brasil.....	19-21
1.2 Narrativa kokama no movimento indígena	21
2 CAPÍTULO II - A LÍNGUA KOKAMA EM COMUNIDADE SAPOTAL	21
2.1 Conquista na educação e território.....	22-25
2.2 Língua vivida	25-28
3 CAPÍTULO III - A PERCEPÇÃO DOS KOKAMAS SOBRE A QUESTÃO DA LÍNGUA	29-37
3.1 Cultura da língua Kokama na escola.....	32-33
3.2 Trajetória pela luta da educação	33-36
3.3 Língua Kokama lugar de luta e conquista	36-37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	39-41

INTRODUÇÃO

A temática da língua indígena desperta há décadas o interesse de pesquisa de linguísticas, antropólogos e etnoarqueólogos. Não em menor interesse, as línguas ditas como perdidas ou desaparecidas (Adellar, 2000, p. 29-36)¹. Ao iniciar a trajetória acadêmica² no campo da antropologia, deparei-me com temas, teorias e metodologias diversas, porém, delimitadas e bem definidas. Dentre os temas, a questão da língua Kokama despertou em mim uma série de indagações em razão da relação de parentesco com grupos étnicos distintos. Meu pai é da etnia Tikuna e a minha mãe da etnia Kokama. Cresci observando que os parentes paternos, (crianças, jovens e adultos) se comunicavam na língua materna. Por outro lado, no caso dos parentes maternos, observei a comunicação da língua materna somente com os anciões falando, dentre eles meu avô André Januário Samias, lembro a fala dele na minha infância. A questão do falar e não falar uma língua indígena Tikuna ou Kokama era objeto de tensão e conflito. Os tikunas declaram-se os verdadeiros indígenas por falarem a língua materna e os kokamas não. Nesse espaço plural, com o plurilinguístico situado na comunidade Sapotal, construir o meu objeto de pesquisa e, com isso, dei os primeiros passos no campo da pesquisa ao realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual objetivei descrever e analisar a importância da língua Kokama e o seus processos de fortalecimento entre os Kokama. Meu objetivo com o trabalho era problematizar que a língua Kokama não estava extinta. Resolvi, então, dar continuidade à minha inquietação, ampliando e aprofundando questões em relação ao problema da língua Kokama, centrando atenção nos movimentos Kokama em torno da questão da língua.

Até pouco tempo, as narrativas centravam-se na ideia de que os Kokamas não possuíam a sua língua nativa. Para a geração mais nova, que se autoidentifica como Kokama, o não fazer uso da língua no cotidiano gerava constrangimento, principalmente quando se colocava em evidência que outras etnias, tais como Tikuna, Mayoruna, Marubo etc, faziam uso de suas línguas desde a sua infância. Todavia, a partir do TCC, percebi movimentos políticos promovidos pelas organizações indígenas Kokama ao estabelecer como meta política a vida e a vivência da língua Kokama nos diversos espaços sociais e políticos.

Em vista do exposto, resolvi fazer novas pesquisa na comunidade Sapotal, situada à margem esquerda do rio Solimões, município de Tabatinga-AM, mediações da tríplice

¹ ADELLAR, Willem F. H. La diversidad lingüística y la extinción de las lenguas. In: F. Queixalós.; O. Renault-Lrescure. (orgs.). **As línguas amazônicas - hoje**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000. p. 29-36.

² Graduei-me em Antropologia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Unidade Instituto Natureza e Cultura - INC, Benjamin Constant-AM.

fronteira Brasil, Peru, Colômbia. Em relação à comunidade, destaco que ela foi o epicentro que canalizou e motivou a expansão, “[...] do movimento do povo Kokama do alto Solimões [...] é o principal foco do fortalecimento da língua materna” (Forte, 2018, p.10).

Na referida comunidade, resolvi realizar novamente imersão na questão da língua Kokama, desta vez, não nos planos descritivo, sociolinguístico, a educacional, mas sim em sua dimensão histórica, situando-a com base na relação de contato dos Kokamas com as sociedades nacionais. Vale frisar que história, contato e língua, estão em nossa perspectiva de análise dinâmica étnica. Dos quais, todavia, delimitei como *lócus* de pesquisa a situação e o contexto dos Kokamas no Brasil. Assim, em linha gerais, foquei-me em contextualizar a percepção dos Kokamas da comunidade Sapotal sobre o processo de revivificação de sua língua.

Para consolidar as minhas reflexões, enveredei pela linha Interpretativista, seguindo as premissas de Clifford Geertz (2008), com destaque para as ideias postuladas sobre a descrição densa que se constitui o exercício etnográfico. Tal exercício fez com que fosse oportuno analisar a língua, tendo como pauta a questão étnica e sua reação com a articulação política dos Kokamas alocadas no cotidiano de vida e de vivência como fatores de revivificação do ser kokama na região do alto Solimões. Trata-se do contexto no qual situo a questão da língua não pela via descritiva, mas sim no plano do significado que ela assume para os Kokamas. A interpretação desse significado me levou a buscar compreender o sentido e a ação do movimento político Kokama para pôr em evidência o interesse disso com a língua materna.

Adotei para fim de análise, a ideia de contexto e situação de Pacheco de Oliveira Filho (1998) para demarcar a trajetória da relação dos Kokamas com os Estados nacionais. Contextualizar a leitura que os colonizadores fizeram sobre os Kokamas, bem como os aspectos em relação aos seus sinais diacríticos me permitiram situar as vicissitudes que marcaram a referida trajetória para que não sucumbissem ao processo colonizador. Situar, portanto, significa emitir resposta. Situar a língua solicita pensar em resposta política.

Além dos autores citados, aportei as premissas de Pierre Bourdieu (2007) para consolidar a análise. O autor em pauta problematiza a questão da dominação contrapondo Weber (1999). Em outros termos, acresce ao conceito de dominação (Weber, 1999) a dimensão simbólica. Com isso, preceitua que há um esquema estruturante que determina as relações pela via do simbólico, consolidando assim o que ele chama de Poder Simbólico. Este me permitiu observar o estado de violência em decorrência do ser indígena não falar a língua materna. Esse Poder que, articulado com outro conceito destacado por Bourdieu, o de *habitus*, consolida a estrutura de dominação. Penso justamente o caso Kokama em relação às línguas

nacionais, a portuguesa e a castelhana, para pensar os Kokamas em sua relação de contato com as sociedades nacionais, como povo dito por estar desprovido de sinais diacríticos, dentre eles, a língua materna.

Os conceitos e o paradigma acima descritos foram estratégicos na captação de dados por me orientar no que eu deveria focar, porém, conexo ao contexto e a situação de vida e de vivência Kokama. Seguindo essa orientação, acessei trabalhos que tratam sobre a relação dos indígenas com as sociedades nacionais peruana e brasileira. Pesquisa bibliográfica sobre a relação de contato e sobre a língua Tupi, família linguística, percebi ser consenso de que esta era extensiva na América do Sul (Lathrap, 1975, p. 81). Renomados pesquisadores como Aryon Rodrigues (2013) e Oscar Alfredo Agüero (1994) destacam que a presença e expansão de etnias da referida família é interrompida a partir das incursões colonizadoras e civilizatórias promovidas pelo Estado Português e Espanhol na América do Sul. Portanto, pautando-me na ideia de Contexto, retive desses autores a leitura de que os povos de tradição Tupi, independente do seu estado, migrante ou não, estavam situando em diversas regiões do referido continente. Não é meu propósito adentrar neste momento em debater à questão das estratégias de ocupação territorial Tupi. Todavia, a situo para pensar a dinâmica de articulação política Kokama para refletir sobre a questão da língua Kokama.

Em relação ao contexto e situação Kokama, Auxiliomar Ugarte (2009), apoiando-se em Antônio Porro, destaca as expedições colonizadoras provenientes da região Andina que chegam ao rio Huallaga. O referido rio se constituiu como a via de acesso à “Província dos Maina”, localizada na região do alto rio Marañon. Estado e Igreja, em ação conjunta, criaram as estruturas de atração, principalmente para os indígenas de fala Tupi, dentre eles, os Kokamas. Demarca-se, nesse momento, o Contato de forma estruturada entre os Kokamas e a nascente sociedade peruana. Rodrigueiro (2007) aporta dados históricos, evidenciando os demais rios de acesso à referida Província, cita dentre eles, os rios Copavanas, Guallaga e Ucayali, sentido sul e no sentido norte, os rios Pastanba, Morola e Napo.

Conforme iam se estabelecendo, os colonizadores traçavam planos com o intuito de conhecer e dominar a região. É nesse sentido que a expedição de Mercadillo foi criada para se chegar à Província de Machifaro pelo rio Marañon (Porro, 2016; Ugarte, 2009). Expande-se, a partir dessa iniciativa, o contato dos povos de tradição Tupi localizados na parte Leste da região Andina com os europeus. A bibliografia historiográfica acessada não faz menção à presença de Kokama nas adjacências da Província de Machifaro, todavia, de acordo com Porro (*apud* Ugarte, 2009), um mameluco chamado Diego Nunes, que dominava a língua

Tupi, por ter vivido no litoral brasileiro, em expedição a região citada entre 1553-1554, estabeleceu comunicação com os indígenas.

Acessei literaturas que versavam sobre os Kokamas, sem perder de vista a dimensão histórica e situacional dos indígenas nas regiões dos rios citados acima. Recolhi informações para fins de análise a interpretação dada por Benedito Maciel (2015), sobre a presença portuguesa em meados do século XVIII na região do alto Solimões, com a instalação em 1766 do Forte de Tabatinga. Simbolicamente, duas fronteiras que outrora eram uma, passaram a sobrepor as fronteiras sociais, culturais e políticas dos povos indígenas na região do alto, médio e baixo Solimões. Foi neste contexto que os Estados nacionais brasileiro, peruano e colombiano estruturaram o ser e o pensar indígena na referida região.

Para o meu propósito, centrando-me na relação de contato para pensar a questão da língua kokama a partir de contexto e de situação, chamou-me atenção a passagem que Benedito Maciel faz sobre o processo histórico que levou certa invisibilidade de grupos indígenas no Solimões, os contatos entre os indígenas e não indígenas desde os primeiros séculos da colonização (Maciel, 2015, p.265). O historiador destaca que em 1836 no Jurupari-Tapera, rio Solimões, Kokamas são identificados vivendo com os Omáguas.

O processo de transformação Kokama a partir do contato foi ditado pelas ideologias de unidades nacionalistas, civilizatórias e de progresso. Os discursos pautados, a princípio, nestas linhas, foram reproduzidos e inviabilizaram o sentido e o significado étnico Kokama (Vieira, 2016). Os Kokamas não ficaram indiferentes a esse movimento político. Rubim (2016) destaca que em 21 de abril de 1995, foi criada em Tabatinga-AM, a COIAMA – Coordenação de Apoio aos Índios Kokama. Tratou-se de um movimento político de extrema importância para os Kokamas. Todavia, analisando outras literaturas, dentre elas Lucíola Cavalcante (2003), percebi que esse movimento advém de vários movimentos conexos e dentre eles, o I Encontro de Professores Indígenas da Amazônia, realizado em 1988, em Manaus, do qual participaram 41 professores indígenas, representando 14 povos de Roraima e do Amazonas, evento organizado pelo Conselho dos Professores Indígenas da Amazônia – COPIAM; Os Kokamas estiveram presentes neste evento e nos demais que seguiram até 1996. Para o meu propósito, é importante destacar que a participação de Kokamas em um evento cuja pauta, dentre outros temas, é a educação, permitiu pensar que é justamente pela via do movimento indígena que a questão da língua ganhou destaque.

Em síntese, a articulação entre os conceitos operacionais para análise, a recolha de dados historiográficos, os dados recolhidos diretamente entre meus parentes, a observação de direta e a releitura de dados recolhidos para a elaboração do meu TCC subsidiaram minha

compreensão sobre a questão da língua e me fizeram situá-la no contexto de uma simbiose, de uma história e, por fim, do contato. Não é meu propósito seguir um plano historiográfico para compreender o contato, mas sim, ter em mente as demandas da história e do contato para, por meio do exercício etnográfico, pensar a questão da língua Kokama na comunidade Sapotal.

Como dito anteriormente, acessei dados advindos da observação direta em Sapotal, realizei levantamento bibliográfico sobre a questão indígena, em especial, da região do Solimões, e enveredei pela literatura antropológica; após a leitura das obras, realizei fichamento e elaborei resenha das literaturas. Fiz incursão no campo de forma preliminar ao manter contato com os parentes Kokamas que vivenciaram a política empreendida pelos indígenas da região e na comunidade Sapotal. A pesquisa de campo foi mais intensa em 2022 em relação a outros anos, em decorrência da folga de trabalho dos parentes. As idas a campo foram pensadas para que fossem desenvolvidas progressivamente de forma que eu pudesse, a partir das conversas com os parentes, descobrir e conhecer a sua vida e sua vivência. Por pertencer a família Kokama os diálogos com os interlocutores fluíam em ritmo de animação, o que favorecia e dava visibilidade à questão da cultura Kokama.

Estruturei a dissertação em quatro capítulos. No Capítulo I, discorro sobre transformações culturais dos Kokama no contexto da história, situando a relação de Contato com as sociedades nacionais. Busco compreender a dimensão desse impacto para o não uso cotidiano da língua Kokama, bem como situá-la em relação à saga Kokama no movimento indígena. Ressalto que a questão da língua se torna um dado relevante na discussão deste capítulo.

No Capítulo II, centrei esforço em descrever como a língua Kokama circula na comunidade Sapotal. Os dados que subsidiaram a análise, foram extraídos dos meus apontamentos, em decorrência do trabalho de campo realizado na ocasião para a construção do meu TCC, da minha vida e vivência com meus parentes na referida comunidade, como também, das observações realizadas na escola indígena e, por fim, do diálogo que mantive com as lideranças e os professores das etnias Kokama em Sapotal.

No Capítulo III, descrevo a percepção que as lideranças e professores fazem sobre as transformações da vida, da vivência Kokama e, por extensão e imersão, a questão da língua, como as perspectivas dos Kokamas no tocante à revivificação da língua em Sapotal. Trata-se de construir um balanço crítico. Por fim, finalizo emitindo as considerações finais.

1 CAPÍTULO I - TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS DOS KOKAMA NO CONTEXTO DA HISTÓRIA

Neste capítulo, destaco e situo a partir da historiografia as transformações decorrentes do contato dos Kokamas com os Estados nacionais. Como dito anteriormente, os Kokamas encontram-se no Brasil e no Peru, porém, existem famílias na Colômbia. Não é meu propósito situar a questão da língua nos países de língua castelhana, mas tão somente a questão da língua kokama, ou melhor, da fala Kokama em território brasileiro.

Do lado da Amazônia brasileira, região do alto Solimões, o processo de colonização ocasiona um processo lento e gradual, ocasionam das fronteiras étnicas Kokama. Sobre isso, é pertinente trazer para pauta de discussão o fragmento da narrativa de Francisco Salas Suárez, autoidentificado pesquisador cultural colombiano, nascido em Letícia Amazonas, recolhida por mim em 2017.

Sobre etnia Kokama, foi uma das etnias que teve seu desaparecimento com a chegada dos colonizadores, pelo fato de eles serem submetidos a trabalhos forçado, ordenados pelos missionários espanhóis, trabalhavam na agricultura para ter seu próprio sustento e para as lideranças religiosas, tinham seu idioma que era diferenciado, foram proibidos e chamados de demônios se falassem sua língua materna, se descobriam ou ouviam que falavam sua língua levam para castigar ou matar. E naquela época nem se quer o Tupi-Guarani ou nem se quer de outra descendência que existe na América Latina o pertenciam, eles tinham uma única língua (Caderno de Campo, 2017).

Em primeiro plano, destaco que o intelectual colombiano se reporta à etnia Kokama como “desaparecida”. Vale frisar que desaparecida é diferente de extinta. Portanto, ela foi ofuscada. Questiono se o ato de desaparecer, aqui um ato voluntário, não se tornou uma estratégia ou ainda um ato não voluntário em decorrência da não mobilidade proveniente de conjunturas estruturais que os colocavam e os submetiam a um silêncio étnico (Silva, 2001). A narrativa destacada acima contextualiza e situa o processo de “desaparecimento” dos Kokamas. O marco inicial foi a “[...] chegada dos colonizadores [...]”. A principal agência colonizadora destacada pelo intelectual colombiano foi a dos missionários espanhóis, que procuraram proibir o uso da língua Kokama, “idioma que era diferenciado”, “[...] única língua [...]”. O citado intelectual refere ser a “única” indicada à extensão e à expansão da língua tupi na região da tríplice fronteira. Com isso, ratifica o que é apontado pelos pesquisadores mencionados a seguir.

Ainda em análise acerca da narrativa acima destacada, parto para os caminhos da história com o objetivo de aprofundar reflexões a partir da narrativa descrita tendo por base a historiografia. Recolhi, para fins interpretativos, Donald Lathrap (1975). Ênfase dele a sua afirmação em relação à expansão da família linguística tupi-guarani e a redução dos falantes das línguas da referida família. O autor profere que:

O tupi-guarani é o grupo linguístico de mais vasta difusão da América do Sul. Na época dos primeiros contatos com os Europeus, os povos de língua tupis-guaranis eram muito numerosos e encontravam-se em rápida expansão para zonas ocupadas por grupos vizinhos. Embora o número de indivíduos que falam estas línguas tenha diminuído extraordinariamente no decurso dos tempos históricos, elas influenciaram muitíssimo o vocabulário da língua portuguesa falada no Brasil, e o guarani é ainda uma das línguas oficiais do Paraguai (Lathrap, 1975, p. 81).

Seguindo Lathrap, dois tópicos retive para situar a questão da língua Tupi. Nesse momento, o primeiro é a abrangência territorial da língua Tupi-guarani e sua expansão. O etnoarqueólogo centra sua premissa no tema família linguística Tupi-guarani. Restringindo a análise para a região do rio Marañon em seu contexto histórico, a pesquisadora Jane Rodrigueiro (2007), os pesquisadores Auxiliomar Ugarte (2009) e Oscar A. Agüero (1994) destacam a presença de etnias da família Tupi-guarani na região em que será instalada inicialmente a “Província dos Maina”, rio Huallaga. Agüero e Rodrigueiro, pautando-se em dados secundários ressaltam que os colonizadores, em destaque, os missionários jesuítas, perceberam que a língua de um segmento indígena da referida província próxima das línguas faladas por outros povos da região se tratava dos Kokamillos. Com base nos referidos dados, Rodrigueiro menciona que os jesuítas tinham dificuldade em lidar com a língua dos outros povos, diferentemente dos Kokamillos e dos Kokamas. A região em pauta aos olhos de uma história presente em uma região pluriétnica. Uma das missões dos colonizadores era vencer as barreiras linguísticas, o estabelecimento de vínculos e o domínio da língua, e sobre isso, Rodrigueiro complementa:

Padre Raimundo de Santa Cruz, como estratégia de contato e também relacional, priorizou a língua como mecanismo capaz de estabelecer o vínculo com os Cocamas. Para tanto, empenhou-se em dominar o idioma Tupi Guarani, falado pela nação, e em dispensar a presença dos intérpretes, construindo deste modo, uma imagem de familiaridade entre os índios, além de tornar-se figura principal no direcionamento da evangelização desses povos (Rodrigueiro, 2008, p. 4).

A distinção entre Kokamas e Kokamillos os colocava em planos territoriais e culturais distintos. Rodrigueiro (2008) evidencia que os colonizadores assim se referiam aos indígenas

de fala Tupi: “O Grande Cocama e o Chica”. O primeiro, situado no rio Ucayali e o outro, no rio Huallaga. As ponderações da referida pesquisadora permitiram um exercício lógico, desprovido da ideia de causa e efeito, por outro lado interpretativista. Além da família linguística Tupi-guarani, a estratégia para impor uma língua sobre as demais exigiu a princípio, o exercício de se apropriar da língua indígena para não dialogar, mas sim para conhecer o universo deste e mediar o acesso aos bens ocidentais, dentre eles, o uso da língua do colonizador. Isso, o meu ver, é a senha para a dispersão e o isolamento da língua Kokama no cenário do Contato.

De acordo com os avanços das ações impositivas das conquistas latentes ou não, outros segmentos indígenas eram alcançados pela ação do colonizador (Estado e Igreja). Todavia, como profere Carvalho (2017), “[...] Ser cristão significa ocupar um lugar no grêmio da igreja, passar, definitivamente, a fazer parte da ‘civilização’”. A conversão era o caminho a ser pautado. Para isso, fazer uso da língua dos cristãos fazia parte da estratégia da conversão. Ao dissuadir os indígenas aos seus signos culturais, buscava impor a eles a língua cristã. No caso dos Kokamas, a língua foi eclipsada por uma outra língua sem, no entanto, ser extinta. Ela ficou em estado de “desaparecimento”.

Para essa premissa, apoio-me na afirmação de Rodrigues (2002, p.32):

A família Tupi-guarani se destaca entre outras famílias linguísticas da América do Sul pela notável extensão territorial sobre a qual estão distribuídas suas línguas. No século XVI encontraram-se línguas dessa família sendo faladas em praticamente toda extensão do litoral oriental do Brasil e na bacia do rio paraná. Hoje falam-se línguas dela no Maranhão, no Pará, no Amapá, no Amazonas, em Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul, em Goiás, em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, assim como, fora do Brasil, na Guiana Francesa, na Venezuela, na Colômbia, no Peru, na Bolívia, no Paraguai e na Argentina.

Rodrigues (2002, p. 33) acerca da referida pauta complementa ainda:

A grande dispersão geográfica das línguas das famílias Tupi-guarani indica que os antepassados dos povos que as falavam empreenderam muitas e longas migrações. Essas características migratórias pr-colombiana dos tupi-guarani pode ser observada tmbm depois do início da colonização europeia no Brasil e na América espanhola.

Colocando em evidência a questão Kokama no cenário de contextualização da família linguística Tupi-guarani, retive, para fins de análise, a ideia de migração apontada pelo linguístico destacado acima. Contudo, coloquei na ordem da dimensão cultural, com o objetivo de desobstruir a ideia naturalizada do que se faz em relação aos deslocamentos

indígenas, a princípio, em duas ordens: aquela que define os indígenas como indivíduos cujo lugar é a selva e a outra que aventa a questão pela ordem do nacionalismo; são do Peru, neste caso, em relação aos Witoto e/ou Kokama, como também por serem peruanos.

Os dados da historiografia, ao serem alocados em uma dimensão etnográfica, indicam que a mobilidade indígena, ou seja, dos indígenas de tradição Tupi-guarani não se enquadra nos discursos naturalizados. A mobilidade Kokama, por exemplo, segue tanto um fluxo quanto uma dinâmica prescrita no *ethos* cultural. Não se trata de uma mobilidade desprovida de um sentido. Compreender essa dinâmica é pertinente para observar os processos de ocupação e de relação que os Kokamas mantiveram e mantêm entre si.

1.1 Kokamas nas fronteiras do Brasil

Desde os meados dos anos 1970, os Kokamas situados na região do Alto Solimões lutam para fortalecer a sua língua materna, na produção de materiais visando ao fortalecimento da língua kokama e tradição, desenvolvida por pesquisadores com apoio dos falantes fluentes entre meio aos anciões e aprendizes que se tornaram professores atualmente, para ensinar os alunos nas comunidades Kokama. Vêm se mobilizando atualmente politicamente por meio de seu reconhecimento legal de direitos étnicos centrando em políticas públicas: educação, saúde e território. A respeito de tal movimento, destaca Altaci Rubim (2016, p. 42-43):

No Brasil, em especial na Amazônia Brasileira, o movimento para fortalecer a língua Kokama é crescente. O processo de territorialização da língua Kokama no Amazonas expressa a importância de fortalecer a língua de herança e a reafirmação da identidade para este povo. A luta pela terra, pela educação, saúde e bem-viver são observados quando os agentes sociais se autodefinem e fortalecem suas culturas e tradições utilizando de seus diacríticos culturais para dar visibilidade às suas demandas, como é visto com o povo Kokama que dá visibilidade à vitalização da língua Kokama no Amazonas em escolas e Centros Culturais Kokama.

Para construção de uma narrativa sobre Kokama do Brasil, é de suma importância comentar a influência de jesuítas na América do Sul. Na região Amazônica, a região do rio Marañon a expansão missionária segue o sentido Oeste/Leste, ampliando assim a Companhia de Jesus no século XVII (Ugarte, 2007; Reis, 1989; Maciel, 2015).

Delineando um olhar sobre ação dos jesuítas do Amazonas, Auxiliomar Ugarte (2007) e Benedito Maciel (2015) destacam a figura do Padre Samuel Fritz, que chegou ao Amazonas em 1686 no momento da expansão da Missão Maynas até o rio Negro. Entre 1686 e 1723, tal

como frisado por Maciel, os jesuítas fundaram 38 reduções. Deste modo, a leitura do material historiográfico situa, que a maioria das reduções ou aldeamento foram instaladas em regiões nas quais existia o predomínio de falantes do Tupi-guarani, dentre eles os Kambebas.

A Amazônia passa a ser portuguesa em 1766, com a construção do Forte de Tabatinga, estabelecendo assim, as fronteiras estatais peruana e brasileira (Maciel, 2015, p. 261) então, irão sobrepor às fronteiras étnicas indígenas. Entretanto, o processo de sobreposição será lento e gradual, sedimentando o sentido de civilização e de progresso. Sobre esse processo, Benedito Maciel (2015, p. 262) comenta o registro feito por Charles Marie de la Condamine:

[...] Quando o cientista Charles Marie de La Condamine esteve em São Paulo de Olivença, em 1743, anotou que não havia mais “nenhuma nação guerreira inimiga dos europeus nas margens do Maranhão: todas foram submetidas, ou se retiraram para longe[...]”. E conclui “[...] Mas acrescentou que havia ainda “lugares onde seria perigoso de dormir”, referindo-se aos “selvagens das terras do interior” que há alguns anos haviam atacado o filho de um governador espanhol que subia para Quito [...]

A região de São Paulo de Olivença era ponto estratégico para a ação jesuíta. Não se deve esquecer que estes apreenderam e grafaram a língua Tupi-guarani e que na referida região a presença Kokama foi e é significativa. Por extensão, em relação às línguas indígenas, pode-se lê que “[...] todas foram submetidas. Essa inferência permite observar que, em linhas gerais, o termo submetido pode ser compreendido como civilizador em oposição aos “[...] “selvagens das terras do interior [...]”.

Retendo dados etnográficos da literatura historiográfica, desta forma, o controle exercido pelos missionários sobre os indígenas, um controle secular, passou a reconfigurar a expulsão deste por parte do Marquês de Pombal. Como enfatizado por Benedito Maciel (2015), o censo populacional e a elaboração de mapas cartográficos contendo informações da população e dos lugares nos quais existem indígenas fizeram parte da política estatal brasileira em tal processo de reconfiguração.

O registro feito por Tastevin, em 1906, frisado por Benedito Maciel, indica na região do médio Solimões, município de Tefé, a presença de kokama.

[...] E sobre as ilhas dos Solimões os Cocamas e os Omaguas vindos do Peru, com muitos outros índios peruanos mais ou menos civilizados; e os Ticunas, cujo centro é Calderon, a montante de São Paulo de Olivença, sobre a margem direita do Solimões e sobre o Cupatamá, em direção à boca do Jutai[...]” (Maciel, 2015, p. 58).

Com base nos registros citados, podem ser exibidos alguns pontos para ampliar minha leitura contextual sobre os Kokamas. A partir da ideia de situação, por exemplo, é

possível problematizar a questão da língua Kokama. Fica evidente que os Kokamas, tal como a língua tupi-guarani, estavam em movimento nas regiões do rio Solimões. Isso é fato. Outro ponto a se destacar é o fluxo da mobilidade: Peru ao rio Jutá e, não menos importante (veja, Testevin era um intelectual), a ideia de “civilizado” presente no relato do missionário espiritano.

1.2 Narrativa kokama no movimento indígena

A saga Kokama em meados do século XX, foi desenhada pelas cores das ações do movimento indígena e a permanente luta contra a política indigenista estatal. O Estado não esqueceu os Kokama, assim como eles não deixaram de ser Kokama. O campo da educação indígena que se desenhcou no Brasil a partir da década de 1970 insere a questão da língua em sua perspectiva política. Em etapas, os Kokama trilham e constroem relações e colocam em pauta as suas linhas políticas. Assim, identidade étnica, território, territorialidade, escola e língua vão aos poucos, configurando a pauta política Kokama.

Os fatos acima permitiram descrever como os povos indígenas e seus aliados colocaram em pauta política a discussão sobre a educação e a escola indígena. As discursões e debates fomentaram e colocaram em voga a formação do professor indígena. No Amazonas e Roraima, a referida categoria estava mobilizando cada um em seu respectivo estado. Todavia, para dar consistência e ganhar força política, os professores promoveram articulações e mobilizações, em meados da década de 1980; e, em 1988, realizaram o I Encontro de Professores Indígenas da Amazônia, do qual participaram 41 professores indígenas representando 14 povos de Roraima e do Amazonas. Sucessivos encontros ocorreram até a criação do Conselho dos Professores Indígenas da Amazônia – COPIAM em 1996 (Cavalcante, 2003). Analisando os dados etnográficos, constatei que os Kokama participaram de todos os eventos. Isso desconstrói a ideia de invisibilizado e de etnogênese, pois os Kokama sempre estiveram presentes na cartografia étnica amazônica.

No contexto da educação indígena, os Kokama buscam fortalecer e valorizar cultura tradicional, desenvolvendo e se manifestando diante de um Estado que o rejeitou, o isolou e o desconsiderou nas políticas indigenistas oficiais. Mostrei no argumento anterior que os Kokama passaram por um processo de transformação em sua cultural tradicional, visto que, historicamente, foram marginalizados em decorrência da ação colonizadora, o que permite asseverar que a ocultação de identidade étnica em um primeiro plano foi obra do Estado.

2 CAPÍTULO II - A LÍNGUA KOKAMA EM COMUNIDADE SAPOTAL

Ao analisar a relação da língua indígena Kokama na comunidade Sapotal e os processos de ensino e aprendizagem, percebo a articulação entre os conhecimentos tradicionais indígenas e os conhecimentos não indígenas. Destaco que a estrutura educacional dos Kokama busca fortalecer as políticas educacionais nas comunidades. A terminologia que utilizaram para consolidar essa estrutura foi a “revitalização cultural linguística”. Isso levou à criação de uma disciplina específica e permanente na escola pautada na ideia de revitalização. Portanto, esse termo vem proporcionando a construção de um espaço de discursão e de apropriação do ser Kokama em processo.

O ensino da língua Kokama ganha força e consistência, passando a ser um componente em estado de conquista. Os Kokama de diversas localidades começaram a investir e a querer se aprofundar cada vez mais na sua língua materna, buscando uma formação mais ampla. Para tanto, a comunidade Sapotal buscou por meio de materiais didáticos e de mídias digitais, tais como DVDs e CDs, dar a conhecer aos Kokama sua história, seus mitos, suas formas de dialogar, seus grafismos, suas músicas e suas danças e sua língua. Para consolidar a ação, elaboram dados sobre o povo Kokama. Foi nesse contexto que os falantes nativos mais velhos foram colocados no centro do projeto de revivificação da língua. Além disso, ocorre o investimento em estudos e em intercâmbio com os falantes da língua Kokama no Peru. Ramos (2003) realça que uma parte significativa dos falantes da língua Kokama está no Peru. Eles são 2,5% de uma população de 19 mil Kokamas. Nota-se que esse movimento entorno da língua ganha dimensões políticas que possibilitam a mobilidade e a articulação além das fronteiras nacionais.

2.1 Conquista na educação e território

Pontuo que a questão do território não deve ser percebida como fechada em si mesmo. Ela é um ponto equidistante entre os territórios, não como algo de sobremaneira demarcado, delimitado, mas sim como uma área de manifestação identitária. O território demarcado da comunidade Sapotal é resultado de lutas que envolvem colocar em um plano político a identidade étnica. A primeira fase do processo de mobilização da comunidade Sapotal ocorre com o reconhecimento étnico e depois com a identificação de seu território. Isso fica evidente no laudo antropológico de Luciana Maria de Moura Ramos (2003), quando é dito: “Com base

previsto pela Portaria nº 922/02”, os processos se iniciaram com uma reunião entre Ticuna e Kokoma para argumentar sobre a proposta de identificação e delimitação da TI Sapotal”.

Imagem 1 – Área demarcada da comunidade Sapotal



Fonte: COPERNICUS (2023).

Compreender o movimento político Kokama significa entender que a autoidentificação, a luta pelo território, o reconhecimento das escolas Kokama e a língua se entrelaçam, tal como ressaltado por Almeida e Rubim (2012, p. 67):

[...] A mobilização do povo Kokama em prol de suas reivindicações em relação a sua reafirmação étnica, a conquista do Registro de Nascimento do Índio (RANI), a reconquista de seus territórios, o reconhecimento das escolas Kokama e, principalmente, a reconquista da língua.

Deste modo, perceber a escola da comunidade Sapotal como o espaço da língua e como ela se transformou em instrumento de empoderamento dos Kokamas em torno da escrita e oralidade da língua materna permitiu observar nesse movimento a construção do ser

Kokama. O relato de Ângelo Pissango Sanches, em 2001, que foi Gestor da escola Municipal Marechal Rondon, mostra o desafio para incluir a língua Kokama como disciplina curricular na escola.

A gente fez três cartilhas em Kokama já, estamos trabalhando com qual essas cartilhas umas delas é para o primeiro e quinto ano denominado na língua Kokama, a minha língua, o tema é infantil, aprendendo falar Kokama e outro é sabedoria dos Kokama para falar sobre mito. São trabalho que a gente vem desenvolvendo, através disso a gente vai aprendendo e então contribuindo a parte cultural inclusive a dança cultural do povo Kokama.

Como explica Ângelo Pissango, a língua Kokama é ensinada para alunos do 1º ao 5º ano em sala de aula, sendo que a cartilha contribuiu com o fortalecimento da cultura Kokama. A ação e resultado dela é fruto da participação dos professores kokamas formados pelo projeto articulado pela OGPTB, no qual foram inseridos. Ressaltou, tal como dito anteriormente, que os Kokama participaram das lutas em prol da educação indígena desde da década de 1980 do século XX. Valendo-se da educação escolar indígena como estratégia para fortalecer a cultura e a língua Kokama, os referidos professores, inicialmente optaram por ter o conhecimento da gramática e o conhecimento sobre a história kokama. Os falantes da língua Kokama tornaram-se peças-chave em dois processos: o de revivificação da língua e do conhecer a sua história.

A rápida adesão às iniciativas e a determinação dos professores em locar a língua materna como projeto de vida e de vivência ganham credibilidade e visibilidade política na comunidade Sapotal. A fala sai de um círculo restrito e passa a ser vista como um bem precioso que agora circula de forma ampla e intensa entre as crianças e jovens. Estes assumem o bastão e o desafio de falar a língua materna. A produção e a instrumentalização da cartilha contribuíram com a consolidação da referida revivificação da língua Kokama. Essa é a avaliação de Luiz Cordeiro, cacique:

Hoje os nossos filhos estão valorizando a língua Kokama, só que não fala direto né, fala algumas palavras e entende poucos também, porque eles têm receio de falar. (Entrevista - Luiz, 2017).

A escola tornou-se uma ferramenta importante para os moradores de Sapotal. A busca para fortalecer a cultura e as tradições, principalmente o uso da língua, hoje é percebida como extremamente positiva, na medida em que o conhecimento e o aprendizado passam a circular nos eventos promovidos pela escola por meio de cantos e danças. Nota-se que a exposição é feita com um certo orgulho.

Imagem 2 – Estrutura da Escola Municipal Marechal Rondon de ano de 2018



Fonte: Luciane Samias (2022).

Além de ser uma ferramenta educacional, a língua na comunidade Sapotal é um forte componente de gratidão aos velhos de falar uso da língua materna Kokama, por um lado é como forma de conquista a visibilidade étnica.

Ao observar o ensino da língua Kokama na comunidade Sapotal, são percebidos avanços. Os alunos buscam aprender, entender e a colocam no viver em comunidade. Atualmente, em Sapotal não existem anciões falantes da língua, os que falavam fluente faleceram. Todavia, ocorre um esforço de professores juntamente com lideranças para ampliar número possível de suas falas para colocar nos círculos comunitário e escolar.

2.2 Língua vivida

A fala de uma Kokama indicou o caminho a percorrer em relação à língua Kokama na comunidade Sapotal.

Eu vim apreender e entender um pouco mesmo a língua Kokama, onde fizemos um resgate com Ana Suelly, ela fez o estudo durante seu mestrado no Sapotal, ela estudou foi por Peru, aprendeu falar língua Kokama e ela que trouxe para cá, foi

convidada pela OGPTB, conveniado pela UEA para ela nos ensinar a língua Kokama, e nesse meio o Ticuna aí foi separação, Kokama por lado linguagem e Ticuna por outro lado, lá no OGPTB. E lá que fui relembrar o que meu pai falava na língua Kokama, não porque que eu não falo Kokama, isso não quer dizer que eu não seja Kokama, eu sou Kokama, porque não posso negar só porque falo português. Por mais que meu pai falava, meu avô também falava língua Kokama. Mas eu vim aprender um pouco com Ana Suelly, ela deu aula. Hoje nós temos apostila para estudar, para cantar, então através desta apostila estamos resgatando pesquisando no dicionário Kokama, formando palavras que tem músicas do seu André Samias tem músicas dos outros também, assim que estamos resgatando pra reviver novamente a linguagem Kokama (Caderno de Campo - Lucia, 2017).

Na perspectiva de Dona Lúcia, o conhecimento do seu André Samias, ancião, serviu como ponto de referência para ela aprender a língua Kokama. Em relação a esse fato, dois pontos são relevantes e possibilitam observar a dinâmica de ruptura dos Kokama para com sua língua. Primeiro, o fato da não transmissão da língua materna; avôs/avós paternos e maternos sabiam e tinham conhecimento da língua, porém não repassaram para seus filhos, filhas e netos. Acreditamos que isso decorreu de como eram vistos os Kokama. Em momento oportuno, os guardiões da tradição não se furtaram em dar apoio à retomada da língua, favorecendo a inclusão desta no cotidiano da vida cultural da comunidade. Tendo vista que os anciãos falavam frequentemente e faziam uso da língua Kokama, isso possibilitou que a escola mediasse e preparasse os caminhos para interação entre crianças e jovens.

O outro movimento que seguiu paralelo ao destacado foi uma geração movida a partir do campo da educação formal que colocou em um plano político o revivificar a língua Kokama nas escolas e estendê-la para a comunidade. Esses dois movimentos permitiram diversas mobilizações, articulações e apoio. Porém só ocorreu movimento na medida em que os kokamas passaram a assumir o compromisso político de colocar como meta o reviver kokama agregada a isso. Em suma, hoje, o uso da língua kokama emerge como ferramenta para o fortalecimento na questão de valorização da identidade étnica.

A pauta da reconquista da língua, retenho para fins de análise. Reconquistar a fala kokama tem o sentido de recompor, trazer para perto, de incorporar aquilo que é nativo de um grupo étnico. Neste caso, a língua a reconquista no plano de revivificar parte da escola, mas não surge na escola. A escola é a receptora da língua que ainda circula entre os dados colhidos dos mais velhos e com professores aprendizes. Está ganha destaque pelos fins que se propõem quando a dimensão da língua é assumida como um valor primordial para consolidar aquilo que relacionalmente já se consolidou: o ser Kokama, a identidade Kokama.

Segue o relato de Washington Gerônimo, que tem formação pela OGPTB e é servidor público (Serviços gerais) pela prefeitura de Benjamin Constant, falante atual da língua Kokama:

O projeto de resgate da Língua Kokama começou no ano 2005 através das organizações dos povos Kokama do alto Solimões, gerenciado pela FUNAI e pelo MEC, com o intuito de formar professores falante em língua Kokama e outras etnias. E com esse processo foi dada o início para o resgate da língua nas comunidades Kokama, que trouxe como fortalecimento da sua identidade étnica cultural, social entre outros. (Entrevista - Washington, 2017).

Em consonância ao exposto, existe o fato de professores Kokama que colocam em voga a demanda da educação Kokama. Entretanto, o movimento político Kokama, em perspectiva, pode ser desdobrado em duas frentes. A primeira situa os Kokamas na nascente do movimento indígena organizado, não sendo desvencilhado de ação. Deve-se avaliar o lugar e como eram vistos os Kokama na região do alto Solimões.

A luta pela educação escolar garante a participação de kokamas em cursos direcionados à formação de professores. Tal espaço será propício para colocar em questão a língua Kokama. O Projeto Pirayawara³, da SEDUC-AM que se iniciou em 2001 e a formação de professores indígenas da Universidade Estadual do Amazonas – UEA em parceria com a Organização Geral do Professores Bilíngue Tikuna – OGPTB, em 2005, evidenciou e figurou como um campo propício para que os Kokamas colocassem em pauta a língua materna.

Não obstante as ações no âmbito da formação, em diálogo com a SEMED/PMM⁴ e com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – PNCSA, são realizadas oficinas com o objetivo de produzir material didático em língua Kokama. A iniciativa conquista aliados, dentre eles o Conselho Indigenista Missionário - CIMI que, na figura do Padre Ronaldo MacDonell, em 2005, passou a assessorar os Kokamas na questão linguística. Sobre esse movimento, Altaci Rubim observa:

[...] As comunidades Kokama que acompanham o movimento de fortalecimento da língua tiveram suas expectativas renovadas em relação a uma formação específica para o ensino e a aprendizagem da língua Kokama como Língua 2 (L2), essa conquista é significativa para os que estão em níveis distintos de língua, pois no Brasil há Kokama em diferentes fases de fortalecimento da língua [...] (Rubim, 2016, p. 21).

Avançando a análise, mostrou na fala da pesquisadora alguns pontos que considero de extrema relevância: a) o movimento do fortalecimento da língua, b) a formação e a c) conquista. Em relação à primeira, noto o movimento centrípeto cuja força vem da

³ Para acessar o Projeto consulte: AMAZONAS. **Projeto Pira- Yawara**: Programa de educação escolar indígena. Estima Capacitação da equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação no contexto da educação escolar indígena. Santo Antônio do Içá - AM: SEDUC -AM/DEPPE, 1999. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/F3D00024.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2023.

⁴ SEMED/PMM - Secretaria Municipal de Educação/Prefeitura Municipal de Manaus

autoidentificação assumida por alguns Kokamas, o que dá energia étnica à revivificação da língua na vida e na vivência Kokama. O referido movimento passou a pautar direta ou indiretamente a formação em todos os níveis educacionais, pois motiva a investigação sobre a língua e, por fim, a reconquista, a busca pelos referências linguísticos. Logo, busca-se ampliar o sentido de ser Kokama.

Com base no exposto acima, coloco em pauta a circulação da língua Kokama na comunidade Sapotal. As pessoas que moram na comunidade Sapotal têm o fortalecimento com a língua ligada à resistência Kokama, ressaltando isso quando a escola e reuniões do movimento kokama fazem a exposição de suas danças, seus cantos, seus grafismos, sua língua, culinária e história.

Como dito anteriormente, os movimentos em relação à língua foram de suma importância para os Kokama. No entanto, ressalto a mobilização dos kokamas para colocar a língua materna no plano político como demanda de fortalecimento étnico. A mobilização para fins de registro e análise deve ser posta em pauta. Com isso, a presença do linguístico Ronaldo McDonald, vinculado à Igreja Católica na região do Alto Solimões e o seu contato com os Kokamas em meados de 2010, foi relevante para alavancar e pôr em marcha o processo Kokama no sentido de inserir sua língua em linhas políticas.

A experiência e conhecimento técnico do referido missionário possibilitou aos kokamas olhar de forma objetiva e pautar a demanda étnica da língua materna. Perceberam os Kokamas que a língua não estava extinta, mas sim a viram como uma fonte de água, um olho d'água que poderia vir a ser mais um componente do fortalecimento da identidade Kokama. Ter a língua materna como língua de instrução era possível.

O processo destacado acima proporcionou aprender a língua materna de forma intensa e extensiva nas comunidades, visto que resultou na inclusão de uma disciplina específica de língua Kokama na escola Municipal Marechal Rondon e em outras comunidades kokamas do alto Solimões, como também o interesse dos jovens em participar de reuniões e acompanhar as assembleias gerais Kokama.

Diz Jair Guerra:

Olha, o ensino hoje na língua materna tá sendo avançado, e eu sou um dos professores que trabalha com essa matéria, vejo que a língua indígena Kokama ela tá tendo um avanço né, do que no passado ela estava muita fraca, ninguém conhecia nada, e hoje não, você vai na comunidade eles pode te cumprimentar na língua Kokama, eles vão te responder é porque eles já estão com avanço mais acima do que do passado, já tem mais conhecimento do que não tinha ante (Entrevista - Jair Guerra, 2018).

3 CAPÍTULO III - A PERCEPÇÃO DOS KOKAMAS SOBRE A QUESTÃO DA LÍNGUA

Nos capítulos anteriores, destaquei histórias de lutas e conquistas na questão da língua materna Kokama. Neste capítulo, exponho observações que serviram para captar dados etnográficos decorrentes da segunda viagem ao campo, ocorrida em outubro de 2022. Portanto, compartilho as minhas percepções sobre a comunidade Sapotal. Em seguida, detalho alguns aspectos do movimento organizado kokama na referida comunidade e situo ainda as atividades desenvolvidas pelos kokamas para o fortalecimento étnico. Buscou, a partir das narrativas, interpretar as percepções sobre a língua Kokama na comunidade Sapotal. Para esse objetivo, utilizei do método de observação participante para perceber o significado e o sentido da conquista de um povo que foi chamado de extinto.

No decorrer do trabalho, busco observar o campo da educação centrando atenção no processo do ensino da língua e o movimento indígena Kokama na comunidade. Existe na comunidade Sapotal a Escola Municipal Marechal Rondon, reconhecida como uma escola indígena Kokama. É oportuno destacar como a educação indígena na escola colabora no sentido de preservar a cultura Kokama. O fortalecimento da instituição educacional faz com que as novas gerações consigam acessar a língua materna de seu povo e estudem os princípios relacionados com a sua identidade.

Imagem 3 – Escola Municipal Marechal Rondon do ano de 2022



Fonte: Luciane Samias (2022).

A escola tomou grande forças de luta no cenário nacional na política pública da educação escolar indígena para ser reconhecida o direito dos kokamas manterem sua identidade cultural, as lideranças e professores tiveram um papel fundamental de fortalecer a identidade kokama. A língua seria como principal foco para que pudesse ser ensinada para novas gerações. Portanto a pesquisa dos outros anos, a escola não funcionava o ensino médio, apenas de anos iniciais a ensino fundamental, a maioria dos alunos concluinte de ensino fundamental conseguiram concluir seu ensino médio em Feijóal e alguns na cidade de Tabatinga. Atualmente, a escola foi construída em outro local da referida comunidade, fica na beirada de um campo de futebol, com estrutura de alvenaria, e com laje de piso mais alta devido às enchentes, nas proximidades das frutíferas de goiabeira, plantações de mandioca, bananeira, não se vê mais muitas frutíferas de sapotas a vista de antigamente em que ganhou nome de sua origem.

A comunidade Sapotal ganhou a origem do nome “Sapotal” por ter maior plantações frutíferas de sapotas dos antigos moradores, em que se avistava pela beirada do rio em linha reta. Atualmente, elas não existem mais, devido as quedas ocorridas nos barrancos à margem do rio Solimões. Trata-se do fenômeno denominado como terras caídas. Sobre a comunidade em pauta, Luciana Maria de Moura Ramos menciona:

O nome deste foi dado em das árvores frutíferas, especialmente sapotas, que haviam sido plantadas pelos antigos moradores. Esse Frutal, como chamam, ficava em uma parte mais alta do terreno, que foi levado pelo rio (Ramos, 2004, p. 48).

Os moradores que residem na referida comunidade buscam resgatar a sua cultura e a sua língua materna. O relato de Carlos Magno, 38 anos, segundo cacique da comunidade Sapotal, que foi aluno da escola Municipal Marechal Rondon no início do movimento indígena sobre material didático Kokama de 2008 retrata bem essa busca. Ele participou da elaboração de material didático e chegou a colaborar com a primeira, segunda e a terceira etapas para que os professores pudessem trabalhar com o público-alvo do 1º a 5º ano do Ensino Fundamental em sala de aula. O referido material foi elaborado para contribuir com a valorização e o fortalecimento da língua Kokama. A Narrativa a seguir foi contada por Carlos Magno.

Então na parte da nossa cultura Kokama está sendo mais desenvolvido, como auxílio a Educação hoje que a parte fundamental para o resgate da nossa cultura que era esquecida, como também pelas lutas das nossas lideranças antigas que buscaram e correram atrás pra que hoje seja desenvolvida e reconhecida em nível do Brasil inteiro a nossa língua, a nossa tradição. As crianças e jovens hoje já conhecem um pouco e sabem falar palavra da nossa língua Kokama, onde através dos nossos

professores que foram reconhecidos como professores indígenas Kokama, hoje dentro da educação temos nossos professores indígenas para ensinar nossa língua, esses são os que falam bem a língua, as crianças que entraram na escola já saem aprendendo a falar a língua, conhecendo um pouco da fala Kokama. Ante ninguém conseguiam ter isso, nós como Kokama não tinha, esse reconhecimento que temos hoje. Levamos todo esse agradecimento as nossas lideranças antigas ter lutado pela nossa cultura (Entrevista - Carlos Magno, 2022).

Na perspectiva de Carlos Magno, a valorização da língua materna não neutralizou o ensino em Língua Portuguesa. Deste modo, para o entrevistado, vê-las no processo de ensino possibilita observar como os jovens, ao concluírem o Ensino Médio na referida comunidade, saem para estudar na cidade e lutam no sentido de garantir os direitos indígenas. Na comunidade Sapotal, as pessoas buscam valorizar a identidade cultural, e isso é fruto do ensino da língua. Portanto, as práticas acontecem a partir do convívio da família que é a primeira instituição social na qual ocorre a participação das transmissões dos valores e costumes da tradição do povo Kokama.

Os valores e costume também ocorrem no processo de interação entre as pessoas. Para exemplificar, destaco diálogos ocorridos na 4º Assembleia Geral do Movimento do Povo Kokama, realizada no período de 30 de junho a 5 de julho de 2022 na referida comunidade. Na ocasião, aconteceu um debate e a revisão da língua Kokama. Em assembleia, chegou-se ao consenso de unificar a grafia Kokama. Tal fato demonstrou três fatores:

1. O interesse das comunidades em ter uma língua mais próximas daquilo que eles entendem como língua Kokama;
2. Uma discussão ampla sobre qual seria a melhor grafia para ser utilizada no processo de alfabetização;
3. A geração do consenso que permitiria pensar a formatação de uma política linguística Kokama.

Em relação aos pontos citados, notei que os Kokamas da comunidade Sapotal lutam para manter o patrimônio cultural deixado pelos antepassados. A língua materna é o principal objetivo da referida comunidade, pois a geração atual carrega consigo os ensinamentos deixados pelos antigos e assim segue repassando para as próximas gerações. Para eles, é um modo de resistência para preservar a cultura kokama, de geração para geração, não deixando que as discriminações sofridas os desviem do caminho.

Quando se diz “melhor grafia” não significa que seja realizada uma reparação do erro cometido em relação ao uso de grafias, mas para entrar em consenso com uma grafia única para o povo Kokama, em uma só voz. A revisão proposta percebe a ideia de evidenciar a unificação da ortografia como algo formal e não de oralidade. Vale frisar que existe um

empenho por parte dos kokamas que foram participar da assembleia na referida comunidade no sentido de ensinar a língua. Esperam que as crianças sejam ensinadas nas escolas de forma mais intensa e firme.

No tocante ao ensino e a aprendizagem, percebe-se que as práticas educativas da e na língua Kokama, estão sendo desenvolvidas em algumas escolas das comunidades Kokama. Observei ainda, que a Educação Escolar Indígena, a comunidade e a escola fazem parte de um mesmo contexto de aprendizagem. A ideia de formatação é fazer com que as grafias Kokama se unifiquem, visto que ter grafias variadas pode atrapalhar os que estão aprendendo a língua. Em determinadas situações, existem aprendizes atuais que geram dúvidas, pois um mesmo parente pode dizer que aquilo que está falando não é fala Kokama.

3.1 Cultura da língua Kokama na escola

A língua Kokama na escola é desenvolvida pelo ensino dos professores que trabalham no espaço escolar. Neste se desenvolvem os cantos, as histórias, a língua, os trajes, as danças, entre outras. Sobre essas ações, destaca o professor Hélio:

Eu coloco minha fala que são muito importantes para as crianças, o principal falar da nossa cultura, fala o que é a nossa vestimenta, o que é a nossa língua, eu como professor e morador da comunidade tenho que repassar pra eles, como também para Jovens. Vejo como tem a grande importância de falar nossa história de como surgiu, ou quem eram essas pessoas que buscaram para que hoje podemos ter nossos direitos. Principalmente na área da educação que hoje temos uma língua específica para nós ensinar as nossas crianças, isso é importante eles saber que somos povo indígena, tanto que a partir disso tem aluno que já vão se aprofundando mais, querendo saber realmente de como a cultura, através da dança, da linguagem (Entrevista - Hélio, 2022).

Nessa perspectiva, a escola também é um espaço para o ensino da cultura Kokama, a principal é a língua materna. Além disso, os professores com seus alunos realizam palestras no casarão, que é o Centro Cultural do Povo Kokama de Sapotal. Eventos estes que envolvem a comunidade com o objetivo de fortalecer a cultura Kokama.

A escola também é a marcadora de diferença em relação ao conhecimento da língua e cultura pelas crianças e pelos jovens. Estes não só aprendem o português e o conhecimento do não indígena para as crianças e os jovens Kokama não falantes da língua, como também recebem ensinamentos acerca da cultura Kokama. Este é um espaço de fortalecimento da língua Kokama, e cabe aos professores indígenas utilizá-lo. Assim, o professor Hélio Castilho Gama, 31 anos, graduado em Geografia pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA),

ajuda sua comunidade com seus conhecimentos Kokama e com a criatividade para consolidar e demarcar essa diferença ao trabalhar em sala de aula a língua Kokama.

Imagem 4 – Professor Hélio com os alunos e moradores, apresentando o grafismo e a vestimenta Kokama



Fonte: Fotografia enviada via aplicativo de WhatsApp pelo Professor Hélio Gama (2022).

3.2 Trajetória pela luta da educação

Analisar a trajetória da educação escolar indígena em Sapotal de 1972 a 1973, século XX, permitiu conectar história, movimento e luta Kokama, após captar a leitura que o senhor Eládio Rodrigues, presidente da Organização Geral dos Caciques das Comunidades Indígenas do Povo Kokama – OGCCIPK fez sobre essa luta:

A luta do movimento Kokama de Sapotal se dar início a partir da década 70, no início da década 72 à 73 chegou uma irmã italiana que veio para catequizar os indígenas no alto Solimões, chamada Maria felicidade, residiu em Feijoal e começou fazendo culto da igreja católica, como também em outras comunidades vizinhas, uns desse foi Sapotal, aonde ela começou frequentar e fazer seu ensinamentos religiosos, fazendo os moradores praticar a civilização dos brancos, falava para as pessoas de lá que não era indígenas e sim branco, pela forma das vestimenta, e usos de objetos não indígena, como relógio, calçado. Nesse tempo o Francisco Samias já sabia um pouquinho, mais não sabia o que era a palavra Kokama, nessa época ele estava iniciando a luta, onde ele perguntou para irmã felicidade, irmã a senhora está

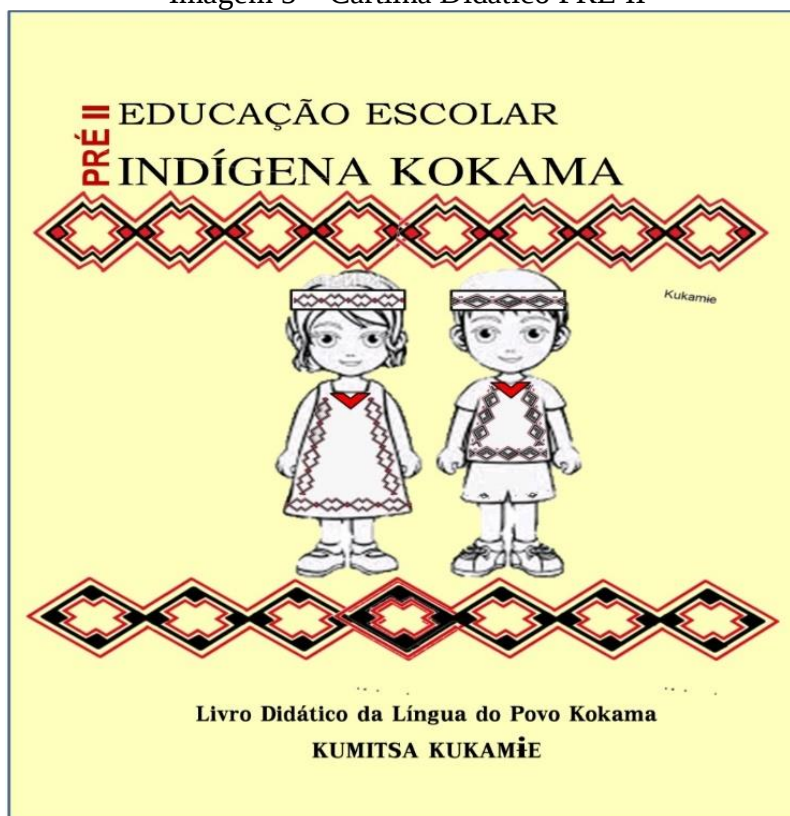
vendo esse pé de laranjeira aqui em frente da nossa escolinha, ela respondeu “estou vendo Chiquinho” então essa laranjeira vai crescer, vai dar fruto, e que fruto vai dar, e a Felicidade disse vai dar mesma laranja, então porque a senhora falou que nós não somos indígena no passado, nós indígenas sim nesse tempo nossa escolinha era feito de paxiúba (Entrevista - Eladio, 2022).

De acordo com o senhor Eládio, os primeiros professores foram Guilherme, Francisco Samias, Arlete, Iraci, Adelaide, Claudionor, Anselmo. Na época, alguns faziam parte do Curso de Licenciatura para Professores Indígenas do Alto Solimões, realizado em 2005 na comunidade Filadélfia, município de Benjamin Constant-AM, curso este articulado e organizado pela Organização Geral dos Professores Tikuna Bilíngue - OGPTB, em convênio com a UEA. Segundo relatos, os primeiros integrantes foram o professor Jair Guerra e Francisco Samias.

No entanto, a luta do movimento Kokama da comunidade Sapotal começou no início de 1988, época em que os Kokamas entraram em cena para debater sobre o reconhecimento étnico, como também passaram a se manifestar com mais autonomia com aos Tikunas ao levarem suas pautas de luta. Por esse caminho, ficou evidente que a educação escolar passou a ser encarada como uma política pública a ser conquistada. A Escola não utilizava nenhuma cartilha e/ou livro para ensino da língua materna, nem tinham o reconhecimento pelo Estado nacional. A tradição da língua do povo Kokama era invisibilizada. Observando a escola da comunidade Sapotal hoje, existem professores de língua Kokama trabalhando em sala de aula, como também material didático na língua Kokama para alunos de Pré-II. Este foi aprovado em 17 de dezembro de 2022, na 2ª Assembleia Geral dos professores Kokama do Brasil na Aldeia indígena Kokama de São Gabriel - Município de Santo Antônio do Içá – AM.

Percebe-se que tais conquistas ocorreram em decorrência da mobilização Kokama organizada nas décadas de 1970, 1980 e 1990, do século XX. O livro abaixo é fruto de uma construção coletiva. Ele sofreu várias revisões até chegar à versão de 2022. A consolidação da referida versão contou com a colaboração de professores, lideranças e falantes maternos, o que lhes dá consistência e unidade étnica, dando visibilidade à luta Kokama.

Imagem 5 – Cartilha Didático PRÉ II



Fonte: Material Didático da Língua do Povo Kokama (2022).

Apesar dos colonizadores terem praticamente destruído os Kokamas, não só fisicamente, por meio da escravidão e da guerra, mas também pela cultura, com suas ações de catequese e a forte miscigenação com os não indígenas, percebe-se que o povo da comunidade Sapotal consegue manter a cultura e os conhecimentos tradicionais Kokama. Hoje, os Kokamas narram a força do direito indígena, do direito conquistado, porque no passado foram proibidos de praticar sua própria cultura e língua. Na década de 1980, século XX, a comunidade Sapotal começou a se organizar para afirmação étnica, e lutar contra a forte presença do Estado Nacional, que favorecia a disseminação da ideia de que “Vocês não são indígenas porque não falam a língua”.

É nesse sentido que a língua materna Kokama, em um vídeo gravado no dia 26 de setembro de 2006, ao qual tive acesso, registra a festa de inauguração da Moloka de Sapotal, hoje chamado como “Centro Cultural do Povo Kokama de Sapotal”. No vídeo, foi registrada a apresentação de dança, canto, grafismo e traje Kokama. Percebe-se o senhor André Januário, um dos falantes da língua materna Kokama cantando. Ele foi uns dos que nos deixou uma eterna saudade. Foi o primeiro cantor Kokama do Alto Solimões, assim com a animação do grande líder e pioneiro no movimento Kokama, o senhor Francisco Samias.

Imagem 6 – Manifesto de revitalização da cultura Kokama



Fonte: Registro de vídeo gravado de 26 de setembro de 2006.

3.3 Língua Kokama lugar de Luta e Conquista

O discurso entre professores e lideranças em entrevista concedida na referida comunidade em outubro de 2022, sobre o ensino da língua Kokama na Escola Municipal Indígena Marechal Rondon, desenvolvendo diferentes elementos pedagógico buscando materializar no currículo da escola o ensino da língua em pauta. Nota-se claramente a mobilização para consolidar a língua Kokama que é a cultura no espaço escolar na comunidade Sapotal, assim como um movimento que pretende corrigir a violência simbólica perpetrada contra os Kokamas.

As vezes nós somos rebaixados por não falar nossa língua no dia a dia, mais hoje com esse resgate da nossa língua na parte da educação que temos hoje, e isso é interessante né, pra nós que somos indígenas Kokama. Dentro da comunidade hoje temos alunos que saíram fora para estudar, tanto que outros já voltaram, graça a nossa educação indígenas que nos apoia para ter essa oportunidade (Entrevista - Carlos Magno, 2022).

A análise do que foi relatado pelo vice-cacique, Senhor Carlos Magno, mostra o impacto na comunidade Sapotal com a implantação da educação diferenciada, que se traduz

como uma forma que dá visibilidade e reafirmar a identidade de ser Kokama, a partir da valorização da língua, perante a sociedade nacional. Assim, na minha interpretação, a comunidade Sapotal corresponde ao modo de vida idealizado por eles. Ter a conquista para eles não é apenas o valor cultural, mas um processo de luta contra extinção histórica de língua materna e da cultura.

Para os parentes Kokama, a língua é um lugar de luta deste a época da presença da colonização, visto que o processo de colonização iniciou pela forma de comunicação, quando foram proibidos de falar a língua materna. A consequência disso produz sua existência a partir das lutas e de conquistas em algumas ações (educação diferenciada). Em outra ocasião, ainda são vistas como não indígena, isso porque não falam sua própria língua materna fluente. Não há como não refletir a linguagem como um processo social fundamental. Falar da história do povo Kokama significa falar sobre o uso da língua Kokama.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, procurei demonstrar a questão língua Kokama e seu processo de fortalecimento. Na pesquisa de Campo, foram encontradas algumas pessoas que puderam contribuir com os dados para compreender e situar o fortalecimento da referida língua. As narrações coletadas nas entrevistadas destacam a violência simbólica e estrutural: ameaças, discriminações, repressões, como certos valores foram ficando ocultos, como também o fato de os Kokamas terem passado a se apropriar de elementos de outras culturas.

Todo esse processo histórico de transformação reflete a maneira como o povo indígena Kokama lutou pelo respeito às suas diferenças, em relação a outros grupos étnicos e aos não indígenas, assim como pelo reconhecimento de seus territórios tradicionais. A valorização da língua indígena, entre outros aspectos culturais considerados tradicionais pelos Kokamas, faz parte desse processo de reavivamento conectando, assim, o passado ao presente e se projetando para o futuro. Retratei as tentativas de invisibilidade dos Kokamas ao longo da história, por parte dos Estados nacionais e das missões religiosas, como também as lutam para reconquistar a cultura indígena Kokama, tendo como principal objetivo e desafio dessa luta o uso da língua materna nas escolas e no cotidiano indígena.

REFERÊNCIAS

ADELLAR, Willem F. H. La diversidad lingüística y la extinción de las lenguas. *In*: F. Queixalós.; O. Renault-Lrescure. (orgs.). **As línguas amazônicas - hoje**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000. p. 29-36.

AGÜERO, Oscar Alfredo. 1994. **El Milenio en la Amazonía**: Mito-Utopía Tupí-Cocama o la Subversión del Orden Simbólico. Lima/Quito: CAAAP/Abya Yala, 1994.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de.; RUBIM, Altaci Corrêa. Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília – DF, v. 4, 2012.

AMAZONAS. **Projeto Pira- Yawara**: Programa de educação escolar indígena. Estima Capacitação da equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação no contexto da educação escolar indígena. Santo Antônio do Içá - AM: SEDUC -AM/DEPPE, 1999. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/F3D00024.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **Qué significa habla?** Economía de los intercambios lingüísticos. Madrid: Ediciones Akal S.A, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Poder Simbólico**. Campinas: Editora Bertrand Brasil, 2007.

CARVALHO, Almir Diniz de. **Índios Cristão**: Poder, Magia e Religião na Amazônia Colonial. Curitiba: Editora CRV, 2017.

CAVALCANTE. Lucíola Inês Pessoa. Formação de professores na perspectiva do Movimento dos Professores Indígenas da Amazônia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 17-22, 2003.

COPERNICUS, MAXAR TECHNOLOGIES. **[Área demarcada da comunidade Sapotal?]**. [2000?]. 1 imagem de satélite, color. Satélite LANDSAT, reamostradas para 2 km. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-4.2539898,-69.5213193,12049m/data=!3m1!1e3?entry=ttu>. Acesso em: 13 dez. 2023.

FORTE, Luciane Samias. **Transformações Kokama**: Processo de avivamento da Língua Materna na Comunidade de Sapotal. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Antropologia) - Instituto de Natureza e Cultura, Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant-AM, 2018.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa**: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOW, Peter. “Ex-cocama”: identidades em transformação na Amazônia peruana”. **Revista Mana**, São Cristóvão-RJ, v. 9, n.1, 2003.

LATHRAP, Donald W. **O Alto Amazonas**. Lisboa: Editorial Verbo, 1975.

MACIEL, Benedito do Espírito Santo Pena. **Histórias Intercruzadas**: Projetos, ações e práticas indígenas e indigenistas na Província do Amazonas (1850-1889). Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Uma Etnologia dos “Índios Misturados”? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais. **Revista Mana**, São Cristóvão-RJ, v. 4, n. 1, p. 47-77, 1998.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **Ensaio em Antropologia Histórica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

PETESCH, Nathalie. Los cocama nacen en el Peru: Migración y problemas de identidad entre los cocama del Río Amazonas. **Antropología**, Lima – Perú, v. 21, 2003.

PORRO, Antônio. **As crônicas do Rio Amazonas**: Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia. 2. ed. Manaus: EDUA, 2016.

RAMOS, Luciana Maria de Moura. **Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena Sapotal**. Brasília-DF: Funai, 2003.

RAMOS, Luciana Maria de Moura. **As formas Kokama de estar na História**: Etnicidade, Política e Narrativa. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2004.

REIS, Arthur César Ferreira. **História do Amazonas**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1989.

RODRIGUEIRO, Jane. **Tensão e Redução na Vázea**: as relações de contato entre os Cocama e jesuítas na Amazônia do século XVII 1644-1680. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RODRIGUEIRO, Jane. As aproximações culturais na Amazônia e o modus operandi: Cocamas e missionários na dinâmica do contato entre 1644 e 1680. In: XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão, 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH/USP, 2008.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Indígenas Brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. Disponível em: <http://www.laliunb.com.br>. Acesso em: 13 dez. 2023.

RUBIM, Altaci Corrêa. **O Reordenamento Político e Cultural do Povo Kokama**: a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2016.

RUBIM, Deyse Silva. **Traçando Novos Caminhos**: Ressignificação dos Kokama em Santo Antônio do Içá, Alto Solimões - AM. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

SILVA, Raimundo Nonato da. **O universo social dos indígenas no espaço urbano: identidade étnica na cidade de Manaus**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. f.113.

SOUZA, Mariana Oliveira e. **Passar para Indígena na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (AM)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SCHIMDT, Lawrence K. **Hermenêutica**. Petrópolis: Vozes, 2014.

UGARTE, Auxílio-moradia Silva. Os Jesuítas de Francisco de Figueroa e Samuel Fritz como cronista da missão de Maynas (1642-1666/1686-1723). *In: Amazônia em Cadernos: narrativas, arte e cultura* I, nº 7/8, 2001/2002. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. p.59-83.

UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de Bárbaros: O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI-XVII**. Manaus: Valer, 2009.

VIEGAS, Chandra Wood. **Línguas em Rede: para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama**. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Brasília, Brasília – DF, 2014.

VIEIRA, José Maria Trajano. **A luta pelo reconhecimento étnico dos Kokama na tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2016.

WEBER, Max. Sociologia da Dominação. **Economia e Sociedade**, São Paulo, v. 2, p. 187-322, 1999.